

TRAJETÓRIAS MIGRANTES, TRAJETÓRIAS SOCIAIS: DIÁLOGOS COM BOURDIEU E SAYAD

Migrant Trajectories, Social Trajectories: A Dialogue With Bourdieu And Sayad

Trayectorias migrantes, trayectorias sociales: Un diálogo con Bourdieu y Sayad.

Leonardo Rafael Santos Leitão¹ Vicente Neves da Silva Ribeiro²

Submissão: 09/06/2025 / Aceito: 19/08/2025

RESUMO

Este artigo explora a articulação teórico-conceitual entre a sociologia de Pierre Bourdieu e as contribuições de Abdelmalek Sayad para uma análise das trajetórias migratórias. Mobilizando noções como *habitus*, *campo*, *capital*, *trajetória* e *violência simbólica*, em diálogo com os conceitos sayadianos de *dupla ausência*, *pensamento de Estado* e a migração como *fato social total*, o texto examina como as experiências de deslocamento são atravessadas por processos de (des)classificação social, estratégias de navegação e resistência, e marcas subjetivas e corporais da dominação. Contextualiza-se essa análise reconhecendo a influência dos legados históricos na configuração das assimetrias globais e das condições de mobilidade. Por fim, discute-se os desafios teórico-metodológicos inerentes a esta abordagem, sublinhando a necessidade de uma sociologia engajada com a compreensão crítica das vidas em movimento e com as implicações éticas e políticas do conhecimento produzido sobre o fenômeno migratório.

Palavras-chave: Migrações. Trajetórias Sociais. Pierre Bourdieu. Abdelmalek Sayad. Habitus.

Abstract

This article analyzes the complex dynamics of migration, addressing the social representations of these flows and their impacts on the life trajectories of individuals. Based on a dialogue between bibliographic review and case studies, the phenomenon of migration is examined from its motivations, such as political and economic crises, to the challenges of integration in the host country. The discussion highlights how media discourses shape social perceptions of migrants, often oscillating between humanitarianism and xenophobia. It explores the subjective dimension of the migratory experience, marked by processes of declassification, the re-signification of identity, and feelings of nostalgia and non-belonging. Furthermore, the article investigates the challenges faced by migrants in accessing public policies, particularly in education and the labor market, revealing how structural difficulties and symbolic barriers impact their integration process and the exercise of

¹ Doutor em Sociologia (UFRGS), professor assistente da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó - Santa Catarina - Brasil. E-mail - leonardorsl@uffs.edu.br. <https://orcid.org/0000-0001-6726-587X>.

² Doutor em História (UFRJ) - professor da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó - Santa Catarina - Brasil. E-mail - vicente@uffs.edu.br. <https://orcid.org/0009-0007-3005-6944>.



their rights. The analysis concludes that understanding migration requires a multidimensional approach that considers both the structural conditions of the countries of origin and destination, as well as the agency and resilience strategies of the migrants themselves in building their new lives.

Keywords: Migration. Social Trajectories. Pierre Bourdieu. Abdelmalek Sayad. Habitus.

Resumen

Este artículo analiza las complejas dinámicas de la migración, abordando las representaciones sociales de estos flujos y sus impactos en las trayectorias de vida de los individuos. A partir de un diálogo entre la revisión bibliográfica y estudios de caso, el fenómeno migratorio es examinado desde sus motivaciones, como las crisis políticas y económicas, hasta los desafíos de la integración en el país de acogida. La discusión destaca cómo los discursos mediáticos moldean las percepciones sociales sobre los migrantes, oscilando a menudo entre el humanitarismo y la xenofobia. Se explora la dimensión subjetiva de la experiencia migratoria, marcada por procesos de desclasamiento, la resignificación de la identidad y sentimientos de nostalgia y no pertenencia. Además, el artículo investiga los desafíos que enfrentan los migrantes para acceder a las políticas públicas, especialmente en la educación y el mercado laboral, revelando cómo las dificultades estructurales y las barreras simbólicas impactan su proceso de integración y el ejercicio de sus derechos. El análisis concluye que la comprensión de la migración requiere un enfoque multidimensional que considere tanto las condiciones estructurales de los países de origen y de destino, como la agencia y las estrategias de resiliencia de los propios migrantes en la construcción de sus nuevas vidas.

Palabras clave: Migración. Trayectorias Sociales. Pierre Bourdieu. Abdelmalek Sayad. Habitus.

INTRODUÇÃO

A mobilidade humana, em suas múltiplas configurações contemporâneas, constitui um fenômeno social de crescente complexidade, interpelando as ciências sociais a refinar seus instrumentos de análise. A compreensão da migração demanda o desvendamento das trajetórias individuais e coletivas, caracterizadas por continuidades e rupturas, estratégias e constrangimentos, esperanças e frustrações. Neste contexto, a análise das trajetórias sociais emerge como uma via privilegiada para aceder às dimensões mais profundas da experiência migratória, permitindo visualizar como os sujeitos agem face às estruturas que os moldam e que, por sua vez, são por eles transformadas.

Neste artigo, objetiva-se reexaminar e conectar as contribuições da sociologia de Pierre Bourdieu com as contribuições de Abdelmalek Sayad para o estudo das migrações.. O arsenal conceitual bourdieusiano, notadamente as noções de *habitus*, campo, capital e trajetória (BOURDIEU, 2009; CATANI et al., 2017), oferece um arcabouço para desnaturalizar as experiências sociais e desvendar as relações de poder e as lógicas de dominação e distinção que

subjazem aos percursos dos migrantes. Através desses conceitos, é possível analisar como as disposições incorporadas pelos indivíduos em seus contextos de origem são postas à prova e, frequentemente, violentamente confrontadas com as lógicas de novos campos sociais, resultando em complexos processos de (des)classificação e de (re)conversão de seus capitais.

A obra de Abdelmalek Sayad ilumina a especificidade da condição migrante. Sayad, em diálogo com Bourdieu, trouxe à tona a dimensão vivida, o sofrimento inerente à "dupla ausência" o não pertencimento pleno nem à sociedade de origem, nem à de destino (SAYAD, 2010) e desnudou as engrenagens do "pensamento de Estado" (SAYAD, 1998, p. 265-286), essa lógica homogeneizante e frequentemente desumanizadora com que as nações concebem e administram a figura do "imigrante". Para Sayad, a migração é um "fato social total" (BOURDIEU, 1998, prefácio à obra de SAYAD, 1998), que revela tanto sobre a sociedade que se deixa quanto sobre aquela que (não) acolhe.

Ademais, compreende-se que as dinâmicas migratórias contemporâneas e as trajetórias nelas inscritas não podem ser dissociadas das heranças históricas que continuam a moldar as assimetrias de poder em escala global. Os legados coloniais, em particular, constituem um pano de fundo crucial, ainda que por vezes invisibilizado, para entender as condições estruturais que impelem à migração e as formas como os migrantes são recebidos e percebidos nos países de destino. A obra conjunta de Bourdieu e Sayad sobre o "desarraigo" na Argélia colonial (BOURDIEU; SAYAD, 2017) já apontava para a violência do capitalismo e da dominação colonial na desestruturação de sociedades e na produção de disposições que, mais tarde, se manifestariam nas experiências de emigração.

Diante desse quadro, o presente artigo tem como objetivo central explorar a fecundidade da articulação entre o pensamento de Pierre Bourdieu e Abdelmalek Sayad para a análise crítica das trajetórias migratórias. Buscaremos demonstrar como essa perspectiva combinada permite não apenas descrever percursos, mas fundamentalmente compreender as relações de poder, as lógicas de dominação e os processos de subjetivação que os atravessam. Para tanto, o texto se organiza da seguinte forma: inicialmente, apresentaremos os pilares conceituais de Bourdieu e a contribuição crítica de Sayad. Em seguida, nos aprofundaremos na análise da trajetória em movimento, focando nos processos de deslocamento, nas estratégias dos migrantes e nas marcas da dominação. Posteriormente, discutiremos como os ecos do passado ressoam nas dinâmicas migratórias atuais, contextualizando as relações de poder. Por fim, abordaremos alguns desafios teórico-metodológicos inerentes ao estudo das trajetórias migratórias sob este prisma, concluindo com uma reflexão sobre a importância de uma sociologia engajada e compreensiva das vidas em movimento.

2. Bases Teóricas para o Estudo das Trajetórias Migrantes

A compreensão das trajetórias migratórias, em sua densidade social e humana, exige um instrumental teórico capaz de capturar a dialética entre as estruturas sociais e a agência individual, entre os condicionamentos e as estratégias. A sociologia relacional de Pierre Bourdieu, enriquecida pelas reflexões de Abdelmalek Sayad, propõe uma abordagem valiosa para compreender as trajetórias. Ao transcender a dicotomia entre objetivismo e subjetivismo, Bourdieu oferece um conjunto de conceitos interconectados que funcionam como ferramentas analíticas. Esse sistema conceitual revela a inscrição do social nos indivíduos e demonstra como os agentes, com diferentes recursos e disposições, interagem e moldam a realidade social.

No cerne dessa arquitetura teórica encontra-se o conceito de *habitus*, definido como um "sistema de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes" (BOURDIEU, 2009, p. 87). O *habitus* é a história feita corpo, o produto da interiorização das estruturas sociais que moldam as maneiras de perceber, sentir, pensar e agir, adquirido primariamente na família e consolidado em outras instituições (CATANI et al., 2017, p. 209-213). Os migrantes, ao se deslocarem, carregam consigo este *habitus* formado em seu contexto de origem, o qual, ao ser confrontado com um novo campo social, pode entrar em desajuste, gerando um efeito de *histerese* – uma defasagem entre as disposições e as novas condições objetivas (BOURDIEU, 2001). Tal dissonância pode resultar em sentimentos de inadequação ou mesmo em um *habitus clivé*, cindido entre as lógicas do mundo de origem e as do mundo de chegada (BOURDIEU, 2007b), tornando a análise do *habitus* crucial para entender as transformações subjetivas e as estratégias, muitas vezes inconscientes, de navegação na experiência migratória.

Esse *habitus*, por sua vez, não opera no vácuo, mas dentro de *campos sociais*. Um campo é um microcosmo social relativamente autônomo, um espaço estruturado de posições e lutas, onde os agentes competem por recursos e pelo poder de definir as regras do jogo e a hierarquia dos valores específicos àquele espaço, a *illusio* (BOURDIEU, 2001; CATANI et al., 2017, p. 70-75). Para os estudos migratórios, a noção de campo é vital para analisar os múltiplos espaços, de origem, de trânsito, de acolhimento (mercado de trabalho, sistema educacional, etc.), pelos quais os migrantes transitam, cada um com suas "barreiras de entrada" e exigências específicas (BOURDIEU, 1996a). A inserção do migrante é um processo complexo de navegação e luta por reconhecimento nesses diferentes campos

A posição dos agentes nesses campos e suas chances de sucesso nas disputas que ali ocorrem dependem do volume e da estrutura do *capital* que possuem. Bourdieu (1996b) expande a noção de

capital para além do económico, identificando o capital cultural (conhecimentos, qualificações, bens culturais), o capital social (rede de relações) e, fundamentalmente, o capital simbólico, que é a forma legítima e reconhecida que qualquer espécie de capital pode assumir, conferindo prestígio e autoridade (BOURDIEU, 2007a; CATANI et al., 2017, p. 60-68). A experiência migratória é intensamente atravessada pela (des)valorização e (re)conversão desses capitais: diplomas podem perder seu valor, redes sociais podem se tornar inoperantes, e a luta dos migrantes frequentemente se concentra na legitimação de seus capitais e na aquisição de novos trunfos nos campos da sociedade de acolhimento.

A interação dinâmica entre *habitus*, capital e as sucessivas configurações dos campos sociais resulta na *trajetória social*, compreendida como a série de posições sucessivamente ocupadas por um agente ou grupo em um espaço social em transformação (BOURDIEU, 1996a, p. 189-237). É crucial evitar a "ilusão biográfica" (BOURDIEU, 1996a), que trata a vida como um relato linear e com sentido imanente. A análise de trajetórias migratórias, sob essa ótica, descreve as bifurcações, os investimentos e as reconversões (profissionais, sociais, identitárias) como produto de transações constantes entre as disposições do agente e as oportunidades e constrangimentos dos campos.

Perpassando todo esse sistema conceitual, a *violência simbólica* se manifesta como uma dominação suave, exercida com a cumplicidade tácita daqueles que a sofrem e daqueles que a exercem, ambos frequentemente inconscientes de seu papel (BOURDIEU, 2001, p. 170-171). Ela se assenta na imposição de sistemas de símbolos e significados como legítimos, desvalorizando os dos grupos dominados. O Estado, com seu poder de nomeação e classificação (BOURDIEU, 1996c), é um agente central nessa produção. Para os migrantes, a violência simbólica se expressa na imposição da língua e cultura hegemônicas, na deslegitimação de seus saberes, nos estereótipos internalizados e nas classificações administrativas que os confinam. Reconhecer essa forma de violência é vital para entender as dimensões mais sutis da dominação na experiência migratória. A mobilização articulada desses conceitos bourdieusianos oferece, assim, um quadro analítico potente para desvelar as complexas dinâmicas que moldam as trajetórias migratórias, situando-as na intersecção entre estruturas sociais, disposições incorporadas e as lutas por reconhecimento

A sociologia de Pierre Bourdieu, aplicada ao estudo da migração, é enriquecida e complementada de forma crítica pela obra de Abdelmalek Sayad. Este autor, partindo de uma profunda imersão na experiência argelina e de um diálogo intelectual constante com Bourdieu, buscou desvelar as múltiplas facetas da condição migrante, conferindo-lhe uma densidade sociológica e humana raramente igualada. Sayad não apenas aplicou o pensamento bourdieusiano,

mas o enriqueceu e o tencionou a partir da perspectiva singular daquele que está "entre dois mundos", o emigrado/imigrado. Uma de suas contribuições mais pungentes é o conceito de "dupla ausência", que encapsula o dilema existencial e o sofrimento inerente à condição daquele que, ao deixar sua terra natal, não se sente mais plenamente pertencente a ela, tampouco logra uma integração completa e desprovida de contradições na sociedade de destino (SAYAD, 2010). O migrante vive, assim, uma ausência tanto física quanto simbólica, um estado de suspensão que marca profundamente sua subjetividade e suas relações sociais. Este sentimento de não-lugar, de ser um *atopos* (BOURDIEU, 2010, prefácio à obra de SAYAD, 2010), é uma chave analítica poderosa para compreender os padecimentos e as ilusões que permeiam a experiência migratória.

Para além da dimensão subjetiva, Sayad empreendeu uma crítica contundente ao que denominou "*pensamento de Estado*" (SAYAD, 1998, p. 265-286). Trata-se da forma como o Estado-nação, através de suas instituições, categorias administrativas, discursos políticos e práticas de controle, constroi e impõe uma visão particular sobre a imigração e o imigrante. Essa perspectiva estatal tende a objetificar o migrante, tratando-o como um problema a ser gerenciado, uma força de trabalho a ser explorada, ou um elemento estranho à "identidade nacional", ignorando, sistematicamente, a perspectiva do próprio sujeito migrante e a dimensão da emigração como parte indissociável do mesmo fenômeno social. O "pensamento de Estado", ao focar unilateralmente na imigração, produz uma visão parcial e distorcida, ocultando as relações de poder e as responsabilidades históricas que muitas vezes estão na origem dos fluxos migratórios. Ao desconstruir essa lógica, Sayad nos convida a considerar a migração como um "*fato social total*" (BOURDIEU, 1998, prefácio à obra de SAYAD, 1998), um fenômeno que revela verdades incômodas tanto sobre a sociedade que se deixa quanto sobre aquela que (supostamente) acolhe, expondo suas contradições internas e as interdependências que as unem.

3. O Migrante em Movimento: Desafios, Respostas e Marcas Sociais.

A experiência migratória, longe de se resumir a um simples deslocamento geográfico, configura-se como um complexo e contínuo processo de renegociação de posições, identidades e pertencimentos. É um movimento que atravessa não apenas fronteiras nacionais, mas também as fronteiras, muitas vezes mais intransponíveis, dos espaços sociais. A lente analítica forjada na articulação entre Bourdieu e Sayad permite desvelar as dinâmicas de poder, as estratégias dos agentes e as profundas marcas subjetivas que este "pôr-se em trajetória" implica. Ao ingressarem em novos campos sociais, os migrantes veem seu *habitus*, essa história incorporada (BOURDIEU,

2009), ser confrontado com lógicas e hierarquias distintas, desencadeando um intenso processo de (re)posicionamento. Este confronto inicial frequentemente se traduz em um profundo sentimento de desorientação, onde os esquemas de percepção e apreciação anteriormente internalizados perdem parte de sua validade, exigindo dos sujeitos um enorme esforço de decifração e aprendizado das novas "regras do jogo".

Uma das primeiras e mais contundentes manifestações desse confronto ocorre através dos processos de desclassificação social. Os migrantes, portadores de um volume e de uma estrutura de *capital* (cultural, social, econômico, simbólico) adquiridos e valorizados em seus campos de origem, frequentemente experimentam uma brutal desvalorização desses trunfos nos novos contextos de chegada (BOURDIEU, 1996b). Diplomas podem se tornar meros papéis sem reconhecimento efetivo, experiências profissionais são invalidadas ou relegadas a um segundo plano, e redes sociais construídas ao longo de uma vida perdem sua eficácia imediata. A própria competência linguística, crucial para a interação social e para a valorização do *capital cultural*, pode se tornar uma barreira e um marcador de inferioridade quando a língua dominante do novo *campo* não é plenamente dominada, sujeitando o migrante a mal-entendidos, exclusões e a uma comunicação empobrecida que dificulta a expressão de suas nuances e saberes. Esta "perda de capital" não é um processo neutro ou meramente técnico, mas um efeito direto das relações de poder entre os *campos* e entre os grupos que os ocupam, muitas vezes mediado por lógicas racistas ou xenófobas que operam uma sutil, porém eficaz, *violência simbólica* ao impor critérios de legitimidade que automaticamente desqualificam o "outro" (BOURDIEU, 2001). O migrante é, assim, submetido a novas classificações, frequentemente estigmatizantes "o estrangeiro", "o não qualificado", "o ilegal", "o culturalmente distante", que o confinam a posições subalternas no mercado de trabalho, no acesso à moradia digna e no reconhecimento social. Essa desclassificação é vivida como uma forma de rebaixamento, uma negação de sua história e de suas competências, ecoando o sofrimento da *dupla ausência* descrita por Sayad (2010), onde o não reconhecimento no presente se soma à dolorosa consciência da perda do lugar no passado e à dificuldade de construir um futuro com dignidade.

Diante desse cenário de desvalorização e reclassificação, os migrantes não são, contudo, meros receptáculos passivos da dominação. Mobilizando seu *habitus*, esse "operador prático" capaz de gerar uma infinidade de práticas adaptadas às situações, ainda que dentro de certos limites (BOURDIEU, 2009), desenvolvem um conjunto de estratégias de navegação e, por vezes, de resistência. Estas estratégias, nem sempre conscientes ou explicitamente formuladas, visam minimizar as perdas, reconverter capitais e encontrar brechas nas estruturas de oportunidade. A

mobilização do capital social remanescente ou recriado, através de redes de compatriotas que oferecem suporte mútuo, associações de migrantes que lutam por direitos, ou mesmo laços incipientes com membros da sociedade de acolhimento, torna-se crucial para obter informações vitais, apoio emocional e acesso a recursos escassos (TRUZZI, 2008). Observam-se complexas estratégias de reconversão profissional, onde antigos engenheiros podem se tornar motoristas de aplicativo, professores se dedicam a trabalhos de cuidado, ou comerciantes informais buscam nichos de mercado não explorados.

Tais movimentos, embora possam representar um "desclassamento" em relação à posição anterior, são também testemunhos da resiliência e da capacidade de adaptação, numa tentativa de se reinserir economicamente e garantir a subsistência, mesmo que em posições aquém de suas qualificações originais e aspirações. Há também estratégias de investimento na aquisição de novas formas de *capital cultural* valorizadas no *campo* de destino, como o aprendizado intensivo da língua, a busca por novas certificações ou a requalificação profissional, num esforço contínuo de adaptação e, quiçá, de mobilidade ascendente. Em alguns casos, a resistência pode se manifestar de formas mais coletivas e politizadas, através da organização em movimentos sociais, da participação em sindicatos ou da reivindicação pública de direitos e reconhecimento, desafiando as narrativas hegemônicas e as classificações impostas (FARIA; PORTUGAL, 2023).

A experiência migratória, com suas tensões, incertezas e lutas, inscreve-se profundamente no corpo migrante, tornando-o um *locus* privilegiado de expressão do sofrimento social. O corpo, para Bourdieu (2007a), é socialmente moldado, portador de disposições, da *hexis* corporal³ que denuncia a classe e a origem, e também das marcas da história individual e coletiva. No contexto da migração, ele se torna o palco onde se manifestam as fadigas da jornada, muitas vezes árdua e perigosa, as precariedades das condições de trabalho, as angústias da separação familiar e as humilhações da discriminação racial ou xenófoba. O sofrimento decorrente da *dupla ausência* (SAYAD, 2010), da desclassificação social e da *violência simbólica* não é meramente psíquico ou abstrato, mas frequentemente somatizado, expresso em doenças psicossomáticas, dores crônicas, distúrbios do sono e um mal-estar difuso que reflete o desajuste entre o *habitus* e o *campo*, e a dificuldade de encontrar um "lugar no mundo" onde se possa ser e sentir-se pleno. As condições de vida e trabalho a que muitos migrantes são submetidos, especialmente aqueles em situação irregular

³ Para Bourdieu, a *hexis* funciona como uma "memória social" que o corpo carrega, uma "política incorporada" que revela, de forma não discursiva, a origem de classe e a trajetória do agente. Ela é um dos marcadores mais fundamentais da distinção social. Cf. BOURDIEU, Pierre. *O Senso Prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ou em setores mais explorados e desregulamentados da economia, como a construção civil, o trabalho doméstico ou a agricultura, deixam marcas indeléveis em seus corpos, evidenciando como as estruturas de dominação se materializam na carne e na saúde dos indivíduos (BOURDIEU; SAYAD, 2017). O corpo do migrante é, assim, um testemunho silencioso das contradições sociais e das desigualdades que estruturam o mundo contemporâneo.

Finalmente, a análise da trajetória em movimento requer uma atenção especial à temporalidade e ao projeto migratório. A migração raramente é um evento pontual com um início e um fim claramente definidos; ela se desdobra no tempo, com diferentes fases que reconfiguram os projetos de vida, as percepções e as estratégias dos agentes. O "antes" da migração, com suas motivações multifacetadas (econômicas, sociais, políticas, pessoais), expectativas e a mobilização inicial de recursos, é distinto do "durante", marcado pela experiência do deslocamento em si, do confronto com a nova realidade muitas vezes distante das representações idealizadas e dos primeiros e cruciais esforços de inserção. O "depois", por sua vez, é frequentemente incerto, provisório e sujeito a constantes reavaliações, podendo envolver o retorno (desejado ou forçado), a migração para um terceiro país, ou um processo longo, complexo e por vezes inconcluso de estabelecimento e integração (SAYAD, 1998). Os projetos migratórios, inicialmente traçados, são constantemente renegociados em função das experiências vividas, das oportunidades que se apresentam (ou não), dos obstáculos encontrados e das transformações que ocorrem tanto na sociedade de origem quanto na de destino. A temporalidade da migração também se choca com outras temporalidades: o tempo da família, o tempo do trabalho, o tempo da lei. O tempo transforma o *habitus*, à medida que novas disposições são dolorosamente adquiridas e antigas são postas em questão ou se tornam disfuncionais, e redefine o significado da própria migração para o indivíduo e para os seus. Compreender a trajetória migratória implica, portanto, capturar essa dimensão processual e temporal, reconhecendo que as posições e as identidades não são fixas, mas continuamente negociadas ao longo de um percurso marcado por contingências e pela interação incessante entre agência e estrutura, entre o desejo de futuro e o peso do passado.

4. Dimensões Históricas da Desigualdade nos Processos Migratórios.

A análise das trajetórias migratórias, enriquecida pelo prisma de Bourdieu e Sayad, revela sua plena potência crítica ao ser situada em um contexto histórico mais amplo, onde as relações de poder e as assimetrias globais contemporâneas não podem ser desvinculadas das profundas e duradouras marcas deixadas pelo passado. Embora a experiência migratória seja singular para cada

indivíduo e grupo, os padrões e as condições que a estruturam frequentemente ecoam dinâmicas estabelecidas durante séculos de dominação colonial, as quais continuam a moldar os fluxos de pessoas, capitais e informações, bem como as condições de recepção e as possibilidades de inserção dos migrantes nas sociedades de destino. Reconhecer esses "ecos do passado" não significa reduzir a complexidade do presente a uma mera repetição da história, mas sim compreender como certas estruturas de poder, hierarquias e formas de representação do "outro" foram forjadas e se perpetuam, ainda que sob novas roupagens.

A própria decisão de migrar, muitas vezes apresentada como uma escolha puramente individual ou familiar, está frequentemente enraizada em desequilíbrios econômicos, políticos e sociais que são, em grande medida, produtos diretos ou indiretos da exploração colonial e das formas como as ex-colônias foram inseridas na economia-mundo capitalista. Como demonstrado por Bourdieu e Sayad (2017) em *El Desarraigo*, a desestruturação da agricultura tradicional argelina e a imposição de uma lógica econômica voltada para os interesses dos grandes centros capitalistas não apenas geraram pobreza e instabilidade, mas também um profundo desarraigo cultural e social, criando um *habitus* predisposto à emigração como uma estratégia de sobrevivência ou busca por um futuro percebido como inexistente na terra natal. Essa análise pioneira pode ser estendida para inúmeros contextos onde a herança colonial resultou em Estados frágeis, economias dependentes e estruturas sociais marcadas pela desigualdade, impulsionando fluxos migratórios Sul-Norte e, crescentemente, Sul-Sul.

O pensamento de Estado, criticado por Sayad (1998), também revela suas conexões com as lógicas administrativas e de controle herdadas do período colonial. As categorias utilizadas para classificar os migrantes ("legal", "ilegal", "refugiado", "econômico"), as políticas de fronteira seletivas e os discursos que constroem o imigrante como um "problema" ou uma "ameaça" à identidade nacional muitas vezes reproduzem a distinção colonial entre o "cidadão" pleno de direitos e o "nativo" ou o "sujeito colonial", cujos direitos são limitados e cuja presença é tolerada apenas na medida de sua utilidade para a economia ou para os interesses do Estado-nação dominante (BOURDIEU; SAYAD, 2004). A própria noção de "integração", frequentemente exigida dos migrantes, pode carregar uma carga de violência simbólica quando implica a assimilação a uma cultura dominante e o apagamento das identidades e dos capitais culturais de origem, ecoando as tentativas coloniais de "civilizar" o outro.

Ademais, a persistência de hierarquias globais de poder se manifesta claramente na forma como diferentes grupos de migrantes são tratados e como seus capitais são valorizados ou

desvalorizados. Migrantes provenientes de ex-potências coloniais ou de países do Norte global tendem a ser designados como "expatriados", e seus capitais culturais e profissionais são, via de regra, mais facilmente reconhecidos e convertidos nos campos de destino. Em contraste, migrantes de ex-colônias ou do Sul global enfrentam barreiras significativamente maiores para o reconhecimento de suas qualificações e são frequentemente confinados a nichos precarizados do mercado de trabalho, independentemente de seu nível de instrução ou experiência profissional prévia. Essa seletividade e hierarquização não são aleatórias, mas refletem e reforçam assimetrias de poder historicamente constituídas, onde o "lugar" do migrante no novo campo social é, em parte, predeterminado pela posição de seu país de origem na ordem global e pelas representações sociais associadas à sua nacionalidade, etnia ou cor.

A experiência da dupla ausência (SAYAD, 2010) também pode ser intensificada por esses legados. Para muitos migrantes de contextos pós-coloniais, a dificuldade de se sentir pertencente à sociedade de acolhimento não se deve apenas ao desenraizamento cultural, mas também à experiência contínua do racismo, da discriminação e da exclusão, que os lembram constantemente de sua condição de "outro" indesejado ou tolerado. Da mesma forma, a relação com o país de origem pode ser complexa, marcada não apenas pela nostalgia, mas também pela consciência crítica das condições políticas e econômicas que inviabilizaram sua permanência, condições estas que, como vimos, frequentemente têm raízes na história colonial.

Portanto, uma análise sociológica das trajetórias migratórias que se pretenda crítica e profunda não pode prescindir de uma reflexão sobre como as sombras do passado colonial continuam a pairar sobre o presente, estruturando as oportunidades, os constrangimentos e as experiências vividas pelos sujeitos em movimento. Integrar essa dimensão histórica à análise bourdieusiana e sayadiana permite não apenas uma compreensão mais completa das determinações sociais que pesam sobre os migrantes, mas também um questionamento mais radical das relações de poder que perpetuam as desigualdades em um mundo interconectado, mas profundamente assimétrico.

5. Questões de Método no Estudo Crítico das Migrações.

A aplicação do instrumental teórico-conceitual de Pierre Bourdieu e Abdelmalek Sayad ao estudo empírico das trajetórias migratórias, embora imensamente frutífera, não está isenta de desafios significativos. A complexidade dos conceitos e a natureza multifacetada da própria experiência migratória exigem dos pesquisadores um esforço constante de reflexividade crítica e de

adaptação criativa de seus métodos e técnicas de investigação. Longe de constituírem um receituário pronto, as abordagens desses autores convidam a um exercício sociológico que seja, ao mesmo tempo, rigoroso e sensível às nuances do vivido.

Um dos primeiros desafios reside na superação do que se convencionou chamar de *nacionalismo metodológico* (JIMÉNEZ ZUNINO, 2021, p. 293), a tendência, ainda prevalente em muitos estudos sobre migração, de tomar o Estado-nação como unidade natural e auto evidente de análise. A crítica de Sayad (1998) ao *pensamento de Estado* já apontava para os limites dessa perspectiva, que tende a reificar fronteiras e a ignorar a natureza intrinsecamente transnacional de muitos processos migratórios. A análise de *campos sociais* que se estendem para além das fronteiras nacionais, a compreensão do *habitus* como formado e transformado em múltiplos contextos e a investigação da circulação de diferentes formas de *capital* através desses espaços transnacionais exigem abordagens que transcendam os limites impostos por uma visão estadocêntrica. Isso implica, por exemplo, a dificuldade de delimitar empiricamente um *campo social transnacional* ou de acompanhar os agentes em suas múltiplas inserções e lealdades (PORTES; DEWIND, 2004).

A operacionalização dos conceitos centrais de Bourdieu em contextos de mobilidade e deslocamento também apresenta suas particularidades. Capturar empiricamente a dinâmica do *habitus* em transformação, como ele se manifesta, como entra em crise (*histerese*) e como se reconfigura diante de novos *campos* e novas experiências é uma tarefa árdua que demanda métodos capazes de aceder às disposições incorporadas e às práticas dos agentes ao longo do tempo. Da mesma forma, mensurar e analisar a conversão (ou desvalorização) de *capitais* – especialmente o *capital cultural* e o *capital social* – em diferentes contextos nacionais e em diferentes *campos* de atividade requer um olhar atento para as sutilezas dos processos de reconhecimento e legitimação, que são sempre relacionais e contextuais. Como comparar o valor de um diploma obtido em um país do Sul global com um diploma de um país do Norte? Como aferir a eficácia de redes sociais construídas em um contexto cultural específico quando transpostas para outro? Estas são questões que exigem mais do que simples levantamentos quantitativos, demandando uma imersão qualitativa nos universos de significado dos migrantes (JIMÉNEZ ZUNINO, 2021).

Nesse sentido, a combinação de métodos qualitativos e quantitativos revela-se frequentemente a estratégia mais promissora para apreender a complexidade das trajetórias migratórias. Se os dados estatísticos podem oferecer um panorama das tendências gerais, das características sociodemográficas dos fluxos e das desigualdades estruturais, são as abordagens qualitativas, como as narrativas biográficas, as entrevistas em profundidade, a observação

participante e a etnografia, que permitem aceder à densidade da experiência vivida, às lógicas práticas dos agentes, às suas estratégias, aos seus sofrimentos e às suas formas de dar sentido ao mundo (BERTAUX, 2005). A escuta atenta das "ilusões do emigrado" e dos "padecimentos do imigrado", tão cara a Sayad (2010), só é possível através de uma relação de pesquisa que valorize a perspectiva do sujeito. A análise de cartas, como no estudo de Faria e Portugal (2023) sobre migrantes brasileiras mães, ou de outras formas de expressão autobiográfica, pode ser particularmente rica para desvelar as dimensões subjetivas e as estratégias de enfrentamento.

Por fim, um desafio incontornável reside na necessária *reflexividade* do pesquisador. Ao lidar com temas tão sensíveis como a migração, a desigualdade e o sofrimento social, e ao mobilizar um arcabouço teórico que visa desvelar as relações de dominação, o sociólogo deve estar constantemente ciente de sua própria posição social, de seu *habitus* e das categorias de pensamento que utiliza. É preciso evitar reproduzir, ainda que involuntariamente, o *pensamento de Estado* ou as formas de *violência simbólica* que se pretende analisar. Isso implica um questionamento contínuo sobre os instrumentos de coleta e análise, sobre a relação estabelecida com os sujeitos da pesquisa e sobre as implicações éticas e políticas do conhecimento produzido (BOURDIEU; WACQUANT, 1992). A sociologia das migrações, na perspectiva aqui delineada, não pode ser um exercício neutro, mas um esforço engajado na compreensão crítica das condições que moldam as vidas em movimento.

Enfrentar esses desafios teórico-metodológicos é parte integrante do esforço de construir uma sociologia das migrações que seja, ao mesmo tempo, empiricamente fundamentada, teoricamente sofisticada e socialmente relevante.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, procurou-se demonstrar a fecundidade analítica que emerge da articulação entre o pensamento sociológico de Pierre Bourdieu e as contribuições de Abdelmalek Sayad para a compreensão das trajetórias migratórias. Suas obras oferecem um arsenal conceitual e uma postura epistemológica que permitem desvelar as relações de poder, as lógicas de dominação e os processos de subjetivação que atravessam a experiência da migração. A mobilização de noções como *habitus*, *campo*, *capital*, *trajetória* e *violência simbólica*, iluminadas pela abordagem sayadiana à *dupla ausência*, ao *pensamento de Estado* e à migração como *fato social total*, permite ir além de leituras superficiais ou descritivas, alcançando uma análise crítica para o entendimento de um dos fenômenos centrais da contemporaneidade.

Reafirma-se que a análise das trajetórias migratórias, sob este prisma, transcende a contabilidade de deslocamentos ou a catalogação de "fatores de atração e repulsão". Ela se configura como uma sociologia da condição humana em face da mobilidade, expondo como as estruturas sociais mais amplas se inscrevem nas vidas individuais, condicionando oportunidades, impondo sofrimentos e suscitando estratégias de enfrentamento. A jornada do migrante, com suas (des)classificações sociais, suas lutas pela reconversão de *capitais* e seu corpo como depositário das tensões sociais, torna-se um microcosmo revelador das contradições e das desigualdades que estruturam o mundo social.

Os desafios teórico-metodológicos inerentes a tal empreitada, como a superação do *nacionalismo metodológico*, a operacionalização de conceitos relacionais em contextos transnacionais e a necessária reflexividade do pesquisador, não invalidam a urgência dessa abordagem. Pelo contrário, convidam a um aprimoramento dos instrumentos de investigação e a um diálogo interdisciplinar, onde a sensibilidade etnográfica se alia ao rigor conceitual para capturar a polissemia das experiências migratórias. A combinação de métodos, a atenção às narrativas dos próprios sujeitos e a vigilância epistemológica contra a reprodução de categorias dominantes são posturas metodológicas relevantes.

Em última instância, uma sociologia crítica das trajetórias migratórias, inspirada em Bourdieu e Sayad, não se contenta em apenas "explicar" a migração. Ela busca, fundamentalmente, compreender a partir da perspectiva daqueles que a vivenciam, dando visibilidade às suas lutas, aos seus sofrimentos e à sua agência. Ao fazê-lo, esta sociologia cumpre um papel social: o de fornecer subsídios para a desconstrução de estereótipos, para a humanização do debate público sobre migrações e para a formulação de políticas que sejam não apenas eficazes, mas também justas e respeitadoras da dignidade humana. Num mundo crescentemente marcado pela mobilidade e pelas interdependências, mas também pelas desigualdades e pelos muros (físicos e simbólicos), a tarefa de uma sociologia engajada com a compreensão crítica das vidas em movimento permanece atual e necessária. As futuras pesquisas neste campo têm o desafio de continuar a explorar as múltiplas configurações da experiência migratória na contemporaneidade, sem perder de vista as relações de poder que a permeiam e a busca por um conhecimento que possa contribuir para a transformação social.

REFERÊNCIAS

BERTAUX, D. *L'enquête et ses méthodes: le récit de vie*. Paris: Armand Colin, 2005.



BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007a.

BOURDIEU, P. **Esboço de uma teoria da prática**: precedido de três estudos de etnologia cabila. Oeiras: Celta Editora, 2007b.

BOURDIEU, P. **O Senso Prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, P. The forms of capital. *In*: RICHARDSON, J. G. (Ed.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood Press, 1996b. p. 241-258.

BOURDIEU, P.; SAYAD, A. **El desarraigo**: la violencia del capitalismo en una sociedad rural. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.

CATANI, A. M. et al. (Orgs.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FARIA, M. D. de; PORTUGAL, S. Migração, gênero e maternidade: narrativas autobiográficas de mulheres que emigraram do Brasil. **ex æquo**, n. 47, p. 205-222, 2023..

MARTINS, J. de S. A sociologia de um mundo mudo: a invisibilidade da imigração e da pobreza. *In*: _____. **A sociologia da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2020.

OLIVEIRA, L. A migração no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 13, n. 1, p. 219-244, 2019.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SAYAD, A. **La doble ausencia**: de las ilusiones del emigrado a los padecimientos del inmigrado. Rubí (Barcelona): Anthropos Editorial, 2010. Prefácio de Pierre Bourdieu.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.